



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 13ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, trazemos aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Quais fantasmas te assombram? Evento de psicanálise no CCJF questiona pensamentos que atormentam as mentes humanas

No último dia 3 de abril, a Sala de Sessões do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** se transformou em uma imponente sala de estudos para discutir um recorte da psicanálise que questiona profundamente as certezas, verdades e ideais em torno dos quais as vidas das pessoas se estruturam. Inspirada no poema “Não é preciso ser um quarto para ser assombrado”, de Emily Dickinson, a palestra gratuita *Disseminário: Desconstrução, Psicanálise e Literatura: estranhas familiaridades* levantou importantes questões existenciais, imersas em incertezas, imprevisibilidades e sombras. Para Diogo Bogéa, escritor e professor de filosofia e psicanálise da UERJ que conduziu o evento, ninguém escapa de assombrações, no sentido mais amplo da palavra. Sejam elas memórias, frustrações, expectativas, arrependimentos, fantasmas do passado e do

**CCJF completa 24
anos de muita
cultura e arte**



Dia 4 de abril, o Centro Cultural Justiça Federal fez 24 anos de história. Reconhecido por incentivar e garantir o acesso da população às diversas formas de expressão cultural, o CCJF é um espaço que abriga exposições, peças teatrais, espetáculos de dança e de música, mostras de cinema, cursos, seminários, palestras, dentre outras atividades. Que venham muitos anos de boas atrações e celebração da arte e cultura!



**Leve livros para
casa, de forma**

futuro que visitam, rondam e atormentam a raça humana há séculos. “Há os fantasmas dos muitos “e se...” que multiplicam possibilidades impossíveis. Há os fantasmas das muitas perdas que cada um de nós já experimentou. Freud diria que somos também assombrados pelos desejos e fantasias reprimidos que não cessam de retornar mais ou menos disfarçados, distorcidos, seja em sonhos ou na forma de terríveis sintomas que nos parecem inexplicáveis”, explica Bógea.

Para ele, a excêntrica Emily Dickinson – “uma verdadeira exploradora das sombras ou ‘espectróloga’” que passou 20 anos isolada em seu próprio quarto, vestida de branco e escrevendo poemas – teve muita sensibilidade para explorar essas regiões sombrias da existência humana. “Suas poesias são os registros desse estranho trabalho de campo entre as sombras e os fantasmas da existência”, ressalta. Um dos temas debatidos no evento foi a noção sobre espectralidade, elaborada por Jacques Derrida em sua conferência *Espectros de Marx*. A ideia defendida por Derrida era a possibilidade de “uma nova forma de pensar o político como uma atividade voltada para um horizonte de justiça”, motivada, principalmente, pelas gerações passadas, presente e futuras. Segundo a tese do pensador, a pressão sobre os vivos tornaria impossível considerar um fechamento de conflito ou o fim da história do mundo.

Para quem não é familiarizado com assuntos voltados à mente humana, a tese pode parecer confusa, mas Bogéa se utiliza da didática para facilitar esse entendimento. De acordo com ele, a importante obra *Espectros de Marx* serve de influência, por exemplo, para Hilan Bensusan, pensador brasileiro que tem falado em uma “virada espectral” no pensamento e para Fabián Romandini, pensador argentino que escreveu “A comunidade dos espectros”, em cinco volumes, uma das produções mais relevantes no campo da Filosofia Política Contemporânea. “A noção de espectralidade subverte os binarismos e as certezas longamente construídas e maniacamente defendidas pela tradição ocidental: o espectro não é nem morto nem vivo, nem presente nem ausente, pode vir do passado em função de um projeto futuro (e vice-versa), bagunçando todas as noções tradicionais de temporalidade. Um passado que nunca passa e um futuro que nunca chega são as marcas do espectral”, pontua.

Por isso mesmo que, segundo Bogéa, o espectral possibilita uma nova forma de pensar o político – um campo de forças político que se faz em meio a uma “comunidade de espectros” das gerações passadas e futuras. E não em nome de um futuro pré-escrito por alguma teoria, mas por um futuro imprevisível, aberto. Nele, a justiça se inscreve como horizonte incalculável ao qual é possível estar atento, mas que nunca chega enquanto tal. E Bogéa continua, explicando que isso também significa que o trabalho de luto e de luta políticos nunca se encerram. “Há sempre uma hegemonia por-vir e um interminável trabalho de resistência e criação de possibilidades por fazer. Com - e contra - Marx e Hegel, a espectralidade impede que a história tenha “fim”, isto é, impede que a história tenha um sentido e uma direção únicos. A historicidade é múltipla e interminável - apesar de todos os projetos (alguns deles muito bem intencionados) de reduzi-la a um só”, completa.

O tema, apesar de específico e complexo, encontra um público fiel, mais técnico, e um mais geral, que se sente atraído pelo que há de fascinante e inquietante nesses temas. Até porque “somos atravessados por uma sensação de ‘estranha familiaridade’”. Sobre a importância e necessidade de espaços culturais como o CCJF realizarem discussões com temáticas voltadas à psicanálise e à desconstrução, o professor da UERJ é enfático ao afirmar que sem arte, cultura e pensamento a vida seria inteiramente insuportável. “Ter espaços culturais como o CCJF promovendo esse tipo de disseminação – artística, cultural, pensante – é talvez o que haja de mais importante no mundo contemporâneo.”

rápida e simples

pegue
& leve

O projeto **Pegue e Leve**, iniciativa da Biblioteca do CCJF, que disponibiliza livros de forma gratuita, segue a todo vapor. Cada visitante do Centro Cultural pode levar até **quatro livros**, por mês, para casa. Basta retirar o exemplar que gostou do carrinho de doações que fica próximo à cafeteria *Café com Arte*, localizada no térreo. Para retirar um livro basta assinar, na recepção, uma lista de controle de retirada e pronto. Fácil e rápido. Outro reforço é que seguimos aceitando doações de livros. É só trazer aquela história ou livro acadêmico que você já leu e fica empoeirado na estante. Assim, outra pessoa pode ter a oportunidade de ampliar os conhecimentos ou a imaginação. E viva a literatura!

.....

**A história do CCJF:
agende sua visita!**



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960. Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.



No palco, em uma de suas apresentações, o artista Helcio Hime canta sucessos de Frank Sinatra

Helcio Hime no CCJF: uma voz, mil histórias

Durante o mês de abril, o Teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, todas as quintas-feiras, o espetáculo *Helcio Hime Canta & Conta*, homenageando alguns dos maiores nomes da música de todos os tempos. Dirigido e roteirizado pelo ator e cantor Helcio Hime, o espetáculo mudou seu roteiro e protagonistas a cada apresentação, celebrando nomes, países e músicas de um jeito único e fascinante.

Na estreia, no dia 3, Frank Sinatra foi lembrado por meio de seus maiores sucessos e em um mergulho em histórias hollywoodianas que pareciam ter Hime como uma das testemunhas. Já na segunda noite de show (10), o homenageado da vez foi Elvis Presley e, novamente, o cantor fez do público personagem das fascinantes histórias mas, dessa vez, do *Rei do Rock*. Em sua penúltima apresentação (17), o intérprete celebrou clássicos populares — e certamente inesquecíveis — da música francesa e outros sucessos internacionais. No último dia, 24, foi a vez da música brasileira ser protagonista do espetáculo. Entre casos e músicas, Hime deu vida aos muitos sucessos nacionais e a histórias singulares dos maiores músicos do país. Nomes como Cartola, Cauby Peixoto, João Gilberto, Maysa e Tom Jobim foram citados em enredos nada convencionais e pouco conhecidos pelo grande público.

Helcio Hime é um daqueles “contadores de causos” que a maioria se encanta. O músico transportou o público para dentro de histórias que parecem inimagináveis até serem ouvidas em sua voz, que tende a transformar palavras em cenários e personagens. Mas é claro que não foi só ele o protagonista das apresentações. As canções extrapolaram a barreira do palco e fizeram da plateia, músicos mundialmente conhecidos, que dava “palhinhas” em algumas músicas.

Pela primeira vez no CCJF, a servidora pública Patricia Fernanda dos Santos ficou encantada com o último show de Hime. “Helcio já chegou causando uma excelente impressão: braços abertos, sorriso constante, felicidade de estar no encontro com amigos. E

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

Visitas orientadas
(exceto no recesso judiciário e feriados):
Terças e quintas
das 14h às 16h

Gratuito

O agendamento pode ser feito pelo e-mail:

visitas.ccjf@trf2.jus.br

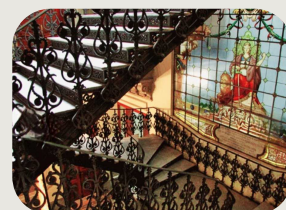
*Refúgio para a
mente (e para os
olhos)*



Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca. A biblioteca e a Sala de Leitura estão abertas ao público de **terça a sexta**, das **12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.

*Programação do
CCJF no WhatsApp*



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp

o palco era dividido com histórias de sua vida pessoal, interpretações de cantores imortais da MPB, aberto à participação do público”, relatou Patricia.

Foi mesmo um encontro de amigos. O público podia nunca ter ouvido falar de nada do que foi dito, ou mesmo de Helcio Hime, mas era como se, ao tocar a campainha do teatro, todos se transformassem em personagens de uma memorável história, narrada por meio de canções e episódios de sucesso. Helcio Hime cantou, contou e fez história, celebrando os nomes mais importantes da música.



Mateus Amorim, no palco do Teatro do CCJF, atuando no espetáculo Jornada de um Herói

A realidade narrada na Jornada de um Herói

Durante o mês de março, o Teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu *A Jornada de um Herói*, uma peça teatral que traz a reflexão de quem são os verdadeiros heróis da sociedade. Esse monólogo foi dirigido por Alexandre O. Gomes e escrito e protagonizado por Mateus Amorim.

O espetáculo conta a história de José, um funcionário de uma fábrica de carvão que foi demitido por questionar a diminuição do seu tempo de almoço. Assim como o modelo narrativo das histórias mitológicas, a jornada do protagonista segue todos os 12 passos para se tornar um herói mas, diferente das originais, essa não é a história de um herói da Grécia Antiga, mas sim de um homem que dá a sua vida em troca de misérias.

O personagem vai em busca do seu *Fundo de Proteção e Garantia do Trabalhador Desempregado (FGTS)* e é obrigado a enfrentar os monstros do cotidiano, como o transporte público lotado, uma viagem longa e cansativa, pessoas mal-intencionadas pelo caminho, até chegar ao seu destino: a agência bancária. Ao interpretar no palco essas situações cotidianas, o ato arrancou risadas do público, fazendo muitos se identificarem, tendo até quem contribuísse para o enredo, relatando experiências próprias.

Essa história, um pouco diferente da maioria das narrativas exibidas nos cinemas e nas televisões, retrata a realidade de milhões de “Josés” que são ignorados por um sistema que insiste em não vê-los e que, mesmo não tendo noção da realidade em que vivem, vão à luta diariamente na esperança de ter o suficiente para sobreviver.

Ao conversar com a **Vitral Cultural**, o diretor do espetáculo, Alexandre Gomes, compartilhou que a temporada foi bem-sucedida e ressaltou a importância da presença de um público

especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)



Curiosidades do CCJF: você sabia?



Projeto original da fachada do prédio do CCJF. Crédito: Instituto Moreira Salles (IMS)

Você sabia que o prédio do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) já pertenceu à Mitra Arquiepiscopal? Antes de ser sede do Supremo Tribunal Federal, entre 1909 e 1960, o terreno que o CCJF ocupa atualmente, foi entregue à Mitra Arquiepiscopal — órgão

engajado. “Ao longo das apresentações, a montagem despertou grande interesse do público, promovendo reflexões significativas e gerando trocas potentes entre artistas e espectadores. A presença constante de um público engajado reforça a relevância do tema abordado e evidencia a importância de ocupar espaços culturais com produções que provocam, sensibilizam e dialogam com questões urgentes da sociedade”, declarou.



Público participa do bate-papo com cineastas independentes que exibiram curta-metragens na Luar Mostra Cineastas, no Cinema do CCJF

No CCJF, mostra de curta-metragens destaca obras independentes que dialogam com a psique humana

Se pudessem ser enumeradas, foram três as principais razões que culminaram na realização da *Mostra Luar Cineastas*, que ocupou o Cinema do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** durante o mês de abril entre os dias 5 e 26: a carência de espaços para exibição de filmes de curta-metragem, a necessidade de dar palco a obras independentes cuja temática reflete sobre os desafios dos dias de hoje, e, não menos importante, a união de artistas que produzem arte de forma corajosa e atrevida. Ao todo, foram quatro sábados, totalizando 13 exhibições de curtas — três a cada encontro —, além de *Ensaio sobre a vida*, uma produção do *Coletivo Luar*, idealizador do projeto.

Jesus Borges, ator e um dos produtores do coletivo, conta que o desejo de fazer a mostra de cinema acontecer expandiu-se para além da vontade de difundir tão somente o curta-metragem próprio do grupo. O mais interessante foi agregar outros trabalhos, pré-selecionados por meio de inscrições de cineastas independentes — o que deu uma dimensão maior ao projeto. “Recebemos inúmeras inscrições, e isso é muito rico, isso prova que o nosso cinema está vivo, que os artistas estão produzindo. Existe uma carência gigante de espaço para exibição de filmes nesse formato curto, a indicativa é dar palco para obras independentes, de artistas que se atrevem”, ressalta.

Com o novo formato criado, cada apresentação se tornou única, trazendo um ótimo público para a sala de cinema do CCJF. “Cada nova sessão foi marcada pelo ineditismo, com novos filmes sendo exibidos, com exceção do nosso curta *Ensaio sobre a vida*, que ficou em exibição do início ao fim da mostra”, conta Borges. Além do ineditismo das obras, após as exhibições, o público era convidado a debater o tema do curta com os diretores(as) dos filmes, permitindo uma interação maior da plateia e uma reflexão mais aprofundada dos curtas-metragens.

responsável pela gestão e conservação do patrimônio religioso da Arquidiocese. Em 1905, o Cardeal Arcoverde contrata Adolpho Morales de Los Rios, um arquiteto renomado, que se inspirou nas construções da igreja durante o Renascimento, movimento intelectual e artístico surgido na Itália, entre os séculos XIV e XVI, para o projeto inicial. Esse projeto original contava com uma capela no pavimento térreo e duas torres, diferentes entre si, carregando elementos religiosos e, em uma delas, um sino. Com as obras em andamento, o Cardeal desiste de ocupar o imóvel, que foi vendido para o Governo Federal. Algumas adaptações foram feitas no projeto, como a construção de dois andares no prédio e a alteração da fachada, que agora abrigaria duas torres simétricas, com abóbadas em cobre, e a substituição de elementos religiosos por símbolos da justiça. Surge aí, a fachada do prédio que conhecemos hoje.

Essa rica troca, segundo Borges, fez com que as pessoas conseguissem mergulhar nos processos, ouvir “os fazedores de cultura” contarem suas experiências, e, além disso, saber detalhes sobre os bastidores das gravações. “Isso deixa o público ainda mais imbuído das histórias que acabaram de assistir. Essa troca é muito valiosa”, comenta o ator.

Sobre as histórias dos filmes exibidos, pode-se dizer que eles têm algo em comum quanto ao tema principal. São obras que conversam diretamente com a psique humana, entre elas temas que abordam o luto, o machismo, a recriminação, doenças não orgânicas e acolhimento. O tema é mais necessário do que nunca, conforme destaca o produtor, já que hoje se vive em uma época acelerada, na qual o excesso, de forma geral, têm potencializado a ansiedade e inúmeros distúrbios mentais nas pessoas. “O excesso pode estar escondendo uma falta, estamos perdendo a capacidade de simbolizar na era das imagens, e talvez, não seja por acaso a grande quantidade de adoecimentos psíquicos”, pontua Borges.

Segundo ele, a mostra consegue reunir obras que abordam e tocam o inconsciente, deslocando impulsos reprimidos e ajudando a elaborar questões complexas do ser. “Os artistas, quando produzem suas obras, estão sublimando suas angústias, desejos, dores, medos, transformando em algo bom para a sociedade. O público que assiste desloca o que está reprimido no inconsciente trazendo à luz da consciência, e assim, se vêem no espelho, se escutam”, resume, ao dizer que a proposta foi trazer filmes que conversem com esse grito interno coletivo. Pode-se dizer que essa intenção virou realidade e foi alcançada, com louvor.



Da esquerda para a direita, Sérgio Barrenechea, Vinícius Marinho, Vitor Chaves, Thayssa Hellen, Isabella Passos, Paulo José, Artur Rodrigues e Maria Luisa Lundberg

A Voz de Pan na Música para Flauta: a mitologia em nossos ouvidos

No dia 12 de abril, o teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu os flautistas da *Orquestra Carioca de Flautas* para o *Vitrine Musical UNIRIO*, dessa vez, apresentando *A Voz de Pan na Música para Flauta*, um espetáculo musical de tirar o fôlego.

A Orquestra, que se apresenta com frequência em espaços culturais, como a Sala Cecília Meireles e a Biblioteca Parque, é composta por dez flautistas e uma pianista — sendo parte do grupo, presente no CCJF. Eles apresentaram canções clássicas de

compositores, em sua maioria, franceses — como *Syrinx* e *Prelúdio à tarde de um Fauno*, de Claude Debussy — revelando o suave e contagiante som das flautas e buscando retratar a sonoridade da flauta de Syrinx, criada pelo deus Pan ao representar seu amor perdido.

Ao comentar sobre o evento, o idealizador da *Orquestra Carioca de Flautas*, Sérgio Barrenechea, destaca a calorosa recepção do público. “O concerto foi muito bem recebido pelo público presente, os músicos ficaram contentes com toda a infraestrutura do CCJF. O público presente ao final fez comentários positivos. Então acreditamos que foi um sucesso total”, declarou Barrenechea.

A flautista Isabella Passos também compartilhou a sua experiência sobre o espetáculo, ressaltando a importância da participação da plateia. “O espetáculo apresentou uma proposta interessante, inspirada na mitologia do deus Pan e sua flauta, o que despertou profundamente o meu interesse. Em especial, porque tive a oportunidade de interpretar a peça-tema da apresentação, *La Flûte de Pan* de J. Mouquet, composta por três movimentos, cada um estabelecendo uma relação simbólica entre Pan e elementos da natureza mitológica. Foi extremamente gratificante poder compartilhar um pouco do repertório flautístico romântico francês”, ressalta a musicista, ao lembrar, inclusive, que a recepção calorosa do público também foi notável. “Espero, sinceramente, ter a oportunidade de retornar a esse palco tão inspirador para apresentar novamente o meu trabalho junto aos meus companheiros flautistas!”, comentou Isabella.



Clube de Leitura estreia com provocações intelectuais no CCJF

No dia 25 de abril, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, em sua Sala de Leitura, participantes fascinados pela literatura na estreia do *Clube de Leitura: livros curtos e intensos*. Na ocasião, o livro *Os Argonautas*, de Maggie Nelson, aqueceu a sexta-feira chuvosa, trazendo vozes determinadas a enveredar discussões que foram muito além de seu enredo.

O Clube — que conta com encontros mensais até dezembro — tem, em sua maioria, livros de autoria feminina. No geral, são livros curtos que abordam diversos assuntos, assim como os encontros. Na estreia, não foi diferente. Mesmo com o público reduzido em virtude de uma chuva intensa, não houve um

minuto sequer de silêncio. Todas as vozes presentes fizeram questão de se manifestar. O livro de Maggie Nelson abriu espaço para discussões sobre autores e autoras como Deleuze e Susan Sontag, indo da superfície de seu formato até um recorte mais psicanalítico das tramas.

A professora de Português e Literaturas Juliana Berlim, mediadora dos encontros, confessa que não tinha as maiores expectativas para a estreia. “Sou carioca há tempo demais para saber que os cariocas são feitos de açúcar e, quando chove, preferem ficar em casa. Naquela sexta, choveu bastante e vínhamos de uma semana com dois feriados emendados”, explicou. Juliana também compartilhou que, apesar disso tudo, foi um encontro intenso e afetuoso. “Não consigo imaginar uma melhor plateia e discussão do que a que tivemos.” Quanto às próximas datas do evento, a professora afirma que tenta não criar muitas expectativas, mas que deseja mais encontros como o último, atraindo um público cada vez maior.

Ana Eduarda Diehl, psicanalista e colega de doutorado em Letras (UFF) de Juliana, descreveu a curadoria dos livros como “primorosa” e “super contemporânea”. “Ler um livro conjuntamente é um jeito de ampliar as ideias, ler a partir dos outros, ler a partir do que criamos com eles; fazer do livro uma obra que não se encerra na leitura, que é sempre múltiplo e aberto”, relatou Ana.

O próximo *Clube de Leitura* será dia 30 de maio, com a leitura do livro *Rainha de Galos*, de María Fernanda Ampuero. Não deixe de se inscrever e participar dessa troca que alimenta a Biblioteca do CCJF com algo que vai muito além dos livros.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Mônica Valéria

*A ideia da série **Por Dentro do CCJF** é trazer, a cada mês, um curto bate-papo com um convidado(a), inspirado naquelas boas prosas que acontecem na hora do café e que, muitas vezes, dá uma leveza no dia a dia.*

Neste mês, a **Vitral** traz a terceira conversa da série **Por dentro do CCJF**. Dessa vez, a convidada para o bate papo virtual é **Mônica Valéria Góes**, servidora responsável pelo Setor de Contratos Culturais do **Centro Cultural Justiça Federal**.

Ela fala sobre escolhas na carreira, funções que exerce no cargo e ainda lembra da capacidade de reinvenção da equipe do **CCJF** ao enfrentar a pandemia da Covid-19. Confira a íntegra da entrevista, logo abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez ingressar na carreira pública?

Mônica Valéria: Decidi fazer concurso público em 1990, em razão da estabilidade, à época. Após a nomeação, em 1991, fui lotada inicialmente na Seção Judiciária do Espírito Santo e trabalhei em Vitória, até o final de 1992, quando fui removida para o Rio de Janeiro. No período em que estive em Vitória, tentei vestibular para a UFES e fui aprovada para o curso de Biblioteconomia, o qual terminei na UNIRIO. Não cheguei a atuar na área, pois sempre exerci minhas atividades na Subsecretaria de Gestão de Pessoas. No dia 20 deste mês completarei 34 anos de Serviço Público.

VITRAL: Quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Mônica: Fui lotada no CCJF em 2018, inicialmente para atuar na Divisão de Administração. Contudo, na época, fui redirecionada para atuar junto à diretora executiva. Realizei atividades de assessoria e acompanhamento da gestão. Em 2020, retornei para a Divisão Administrativa, sendo, pouco tempo depois, designada para o Setor de Contratos Culturais, área em que exerço minhas funções atualmente.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal?

Mônica: Quando tomei posse na Seção Judiciária do Espírito Santo, aos 23 anos de idade, tinha ainda um certo ar de ingenuidade. Mas durante o caminhar, fui tomada pela maturidade, e quanto mais conhecia o trabalho e a importância da Justiça Federal para os jurisdicionados, mais eu tinha admiração pelos colegas de trabalho, que se tornaram amigos de vida.

Cada vez mais comprometida, decidi iniciar a faculdade na área da Biblioteconomia, por se tratar de um curso novo, na época, e por gostar muito de ler, sentir o "cheiro" dos livros e amar História.

Contudo, retornei para o Rio de Janeiro e fui lotada na Unidade de Pessoal da Seção Judiciária do Rio de Janeiro, de onde só saí em 2018, direto para o CCJF, acrescentando muitos amigos de vida.

Ao chegar no Centro Cultural, fiquei maravilhada e ainda mais orgulhosa, ao conviver com servidores e colaboradores tão engajados e dispostos a proporcionar eventos culturais de alta qualidade, alinhados à missão da Instituição.

E em 2020 nos deparamos com a pandemia de Covid-19, tão dolorida para o mundo.

Foi gratificante e memorável descobrir a nossa capacidade de reinvenção profissional, ao sermos capazes de oferecer cultura online e entreter nosso público, ainda que em tempos sombrios.

Foi um privilégio contribuir para a manutenção da saúde mental das equipes e dos visitantes que, de um dia para o outro, tornaram-se virtuais.



A Arte de Não-saber e Mais-querer

Por Diogo Bogéa, escritor, filósofo e professor de Filosofia e Psicanálise na Faculdade de Educação da UERJ.

"Por não-saber e mais-querer somos lançados numa experimentação sem fim. Co-movidos pelo desejo criamos artisticamente mitos e religiões, criamos artisticamente ciências e tecnologias, criamos, artisticamente."

O escritor palestrou
sobre desconstrução e
psicanálise em evento
realizado no CCJF, em
abril.

No dia 04 de fevereiro de 1912, o checo Franz Reichelt colocou à prova sua mais ambiciosa invenção: um traje especial que permitiria aos humanos realizar o sonho do voo. Diante das câmeras e dos olhares atentos das autoridades e do público, Reichelt saltou do último andar da Torre Eiffel, que era então a construção mais alta do mundo.

O traje não funcionou como esperado e apenas apressou a última queda de Reichelt.

Seis anos antes, na mesma Paris, Santos Dumont havia feito o primeiro voo verdadeiramente bem-sucedido do seu 14-bis apelidado “Ave de Rapina” diante de uma eufórica plateia de mais de mil espectadores.

As experimentações de Reichelt e Dumont são marcas de um corpo que *não sabe exatamente o que pode e o que deve fazer*. Há essa abertura constitutiva, essa falha ou falta na programação biológica. Ou talvez seja essa força transbordante do desejo que não cessa de exigir *mais*.

O fato é que, seja por não-saber ou por mais-querer, somos condenados (à bênção) ou abençoados (com a condenação) de sermos essencialmente *artistas*. É essa a minha briga com liberais e marxistas: o humano não é essencialmente “trabalhador” e, sim, essencialmente *artista*.

Por não-saber e mais-querer somos lançados numa experimentação sem fim. Co-movidos pelo desejo criamos artisticamente mitos e religiões, criamos artisticamente ciências e tecnologias, criamos, artisticamente.

Mas porque esse não-saber e esse mais-querer inquietam e angustiam, criamos também - também artisticamente - padrões, normas, regras, identidades e *scripts* pré-fabricados que, esquecidos do seu ser-obra-de-arte tentam se vender - ou se impor - como naturalmente dados e universalmente válidos.

Esses padrões tentam garantir, com suposta certeza, que *sabem sim* o que esse corpo pode e deve fazer e condenam como terrível pecado todo traço do seu *mais-querer*.

Mas quanto mais se esforçam para se impor, esses padrões normativos revelam, eles próprios, seu próprio mais-querer. E, por tabela, revelam um não-saber mais geral e mais universal que eles próprios: *não sabemos o que fazer da vida*. Por isso é preciso tanto esforço para impor padrões normativos. Se soubéssemos, isto é, se eles fossem realmente naturalmente dados e universalmente válidos, não precisariam de qualquer esforço para se fazer valer.

Com tanto esforço e investimento, é claro que, no entanto, alguma coisa “cola”. Alguma cara cola em nós como rosto. Algum padrão normativo cola em nós como identidade.

Mas aquele não-saber e aquele mais-querer continuam gritando lá no fundo. Às vezes muito alto. Às vezes em profundo silêncio. Eles seguem lá nos lembrando vez por outra que *não cabemos em nenhum padrão pré-estabelecido de identidade*. Lançados numa experimentação existencial interminável pelo não-saber e pelo mais-querer que nos co-movem, somos, cada um de nós, composições absolutamente *singulares* de experiências.

A Arte é a chance de expressão dessa *singularidade* que não cabe no mundo. Que não cabe nos *scripts* pré-fabricados da sociedade. Que não cabe nas expectativas familiares, na obediência cega aos líderes religiosos, nos projetos políticos pré-estabelecidos.

Por isso meu ideal de Arte é tal como descreveu certa vez Banksy: “A arte deveria confortar os perturbados e perturbar os confortáveis”. Produzir dissonâncias. Estranhamentos. Dar voz àquele não-saber e àquele mais-querer que nos lançaram na experimentação singular da existência. É o que busco também com a Filosofia.



[Ver este email no navegador](#)

Recebeu este e-mail por ter uma ligação com a Centro Cultural da Justiça Federal. Por favor [reconfirme](#) o seu interesse em continuar a receber os nossos e-mails. Se não desejar receber mais e-mails poderá [remover a sua subscrição aqui](#).

